

Também é ainda o caso dos trabalhos a respeito das viagens pelo tempo. Ultimamente, alguns físicos e matemáticos eminentes admitiram a possibilidade de viajar pelo passado, que há apenas cinco anos negavam categoricamente.

Podem ser encontradas referências científicas para todas as idéias evocadas neste livro, e um leitor com uma formação diferente da minha acharia nas suas leituras científicas a substância de um outro livro ou de dez outros.

A pesquisa do estranho por intermédio da ciência deve recair, sobretudo, nas "ciências duras": matemática, física, química, ciências biológicas.

De um modo geral, as ciências seguem a lei do desenvolvimento de Augusto Comte:

- matemática,
- física,
- química,
- ciências biológicas,
- psicologia,
- sociologia.

Atualmente, o espírito científico, após ter conquistado a física, está começando a se expandir para a química, que deixa de ser uma coleção de receitas para se transformar numa ciência.

As ciências biológicas, ao contrário, mal podem ser consideradas ciências. O espírito científico mal penetrou nesse setor e elas estão repletas de mitos, tais como a evolução. Portanto, têm pouco contacto com o real e, por isso mesmo, pouca repercussão nos domínios que são o objeto deste livro.

Quanto às chamadas "ciências humanas": psicologia e sociologia, não são de maneira alguma ciências, não são sequer uma coleção de truques. Como já o

disse em outra ocasião Bertrand Russell: "São ruídos sem significação."

A isso as pretensas ciências humanas, que são, muito mais do que a astrologia ou a feitiçaria, exemplos de falsas ciências, acrescentam um vocabulário que nada tem a ver com a realidade. É assim que denominam "inconsciente" o aspecto da nossa personalidade que nunca dorme, que percebe sem utilizar os sentidos e que nunca morre.

Quanto à sociologia, só para indicar seu nível, basta constatar que não há um só sociólogo no mundo capaz de se fazer eleger vereador numa cidade de dez mil habitantes.

Eis porque não se encontram livros de psicologia ou de sociologia com uma pequena alusão que seja aos grandes mistérios. É lastimável, pois o espaço interior é tão desconhecido quanto o espaço exterior e, num determinado nível, não existe distinção entre eles.

Existem exceções para todas as regras e há uma para a que acabei de formular. Refiro-me à obra de C. G. Jung. Na fronteira da filosofia e da ficção científica, sua obra, no entanto, se baseia na observação de fatos psicológicos reais. Tem intuições que nem sempre podem ser verificadas mas que vão bastante longe. Esta obra mereceria uma vulgarização, pois é extremamente longa, quase sempre escrita em alemão, e as idéias, às vezes, são difíceis (o número especial do novo *Planète* sobre Jung pode servir como orientação para o leitor.)

O leitor de Jung é fartamente recompensado por algumas idéias extraordinárias, especialmente sobre os arquétipos que, no fundo, embora ele não o ouse dizer, são deuses, e sobre a sincronicidade, que é uma ação exercida perpendicularmente ao tempo e não é